

NAS MARGENS DO NACIONALISMO LITERÁRIO: VESTÍGIOS DO GÓTICO NA IMPRENSA PIAUIENSE OITOCENTISTA

Reinaldo Lucas Nobre de Matos (UESPI)
ReeyZZ1@outlook.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar e analisar a presença e a circulação da literatura gótica e seus desdobramentos na imprensa piauiense oitocentista. Para tanto, parte de uma leitura minuciosa dos periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e no site Memória do Jornalismo Piauiense, da UFPI. Apesar de corroborar o que afirmam Filho (1972) e Rêgo (2014) acerca do predomínio dos temas políticos nos jornais do Piauí do século XIX, pode-se dizer que a pesquisa procura ressaltar vestígios até então ignorados sobre essa vertente literária no estado, revelando outros aspectos dos interesses literários na província. É possível pensar que a presença de uma literatura de matiz gótico foi subestimada em consequência da visão hegemônica do nacionalismo literário brasileiro que, de acordo com França (2017), acabou relegando a um segundo plano as manifestações literárias que dialogavam com o fantástico. Soma-se a isso as construções panorâmicas fornecidas pelas histórias literárias, cujo esquematismo pode ter apagado possíveis expoentes dessa vertente literária no Piauí. Nesse sentido, a pesquisa de fontes primárias se faz pertinente, a fim de alargar os horizontes sobre o período e de reconstituir preferências estéticas por vezes ignoradas ou incompreendidas.

Palavras-chave: Romantismo. Gótico. Imprensa Piauiense.

Abstract: This article aims to present and analyze the presence and circulation of Gothic literature and its consequences in the nineteenth-century Piauí press. Therefore, it starts with a thorough reading of the periodicals available at Hemeroteca Digital, of the National Library, and on the website Memória do Jornalismo Piauiense, of UFPI. Despite corroborating what Filho (1972) and Rêgo (2014) claim about the predominance of political themes in 19th century Piauí newspapers, it can be said that the research seeks to highlight hitherto ignored traces about this literary trend in the state, revealing other aspects of literary interests in the province. It is possible to think that the presence of a Gothic literature was underestimated as a result of the hegemonic vision of Brazilian literary nationalism which, according to França (2017), ended up relegating to the background as literary manifestations that dialogued with the fantastic. Added to this, the panoramic constructions provided by literary histories, whose schematism may have erased possible exponents of this literary trend in Piauí. In this sense, a research of primary sources is pertinent, in order to broaden the horizons about the period and reconstitute aesthetic favorites that are sometimes ignored or misunderstood.

Keywords: Romanticism. Gothic. Piauí Press.

1 INTRODUÇÃO

O Romantismo, um movimento artístico que surge no final do século XVIII, com seu ápice no início do século XIX é, em princípio, um movimento antagônico ao Classicismo. A arte dita clássica teve seu apogeu no Renascimento cultural europeu, momento no qual se procurou reestabelecer certos princípios estéticos postulados na Antiguidade greco-latina. Sendo assim, a literatura clássica seria dominada, do ponto de vista estético, por regras em acordo com os preceitos aristotélicos, os quais garantiriam a magnitude, a universalidade de uma obra de arte. Em suma, pode-se associar essa estética ao “equilíbrio, a ordem, a harmonia, a objetividade, a ponderação, a proporção, a serenidade, a disciplina, o desenho sábio, o caráter apolíneo, secular, lúcido e luminoso”. (GUINSBURG & ROSENFELD, 2002, p. 262 e 263). Dessa maneira o Classicismo, visando à objetividade, prioriza a obra deixando o autor em segundo plano, ou seja, suprimindo impulsos subjetivos, pois “a obra é o que vale como tal e não pelo que ela diz de seu criador”. (GUINSBURG & ROSENFELD, 2002, p. 263).

Para abalar tamanho monumento secularmente batido, foi necessária uma série de revoluções, dentre as quais destaca-se a Revolução Francesa, que produziu no mundo inteiro uma forte comoção. Nas artes e na literatura, essa comoção foi vazada por um sentimentalismo mesclado com ideias nacionalistas, que resultou no Romantismo. Para Otto Maria Carpeaux,

O romantismo é um movimento literário que, servindo-se de elementos historicistas, místicos, sentimentais e revolucionários do pré-romantismo, reagiu contra a Revolução e o classicismo revivificado por ela; defendeu-se contra o objetivismo racionalista da burguesia, pregando como única fonte de inspiração o subjetivismo emocional. (CARPEAUX, 2008, p. 1366).

Dessa forma, contrapondo-se ao Classicismo, o foco desloca-se para o autor e não para a obra em si, “o que prevalece agora não é propriamente o objeto criado, mas o ato de criação e o sujeito criador” (GUINSBURG & ROSENFELD, 2002, p. 268), transfigurado numa espécie de “gênio original”. Dessa forma o individualismo, o egocentrismo e a subjetividade são palavras-chaves no Romantismo.

Essa guinada representa alterações significativas nas obras literárias. O espaço bucólico da arte clássica, manifestado na sua faceta árcade, buscando demonstrar a harmonia e o universal, agora dá lugar a uma natureza indisciplinada, ligada diretamente ao eu lírico, expressando seus sentimentos, sejam eles harmoniosos ou conturbados. A busca pela individualidade aparece também na trajetória das personagens que surgem nos romances, o gênero moderno por excelência, e na sua relação com o seu entorno, buscando o que torna certos locais particulares (WATT, 2010). Portanto, o Romantismo sempre esteve ligado diretamente à ideia de nação, uma vez que esse anseio pelo pessoal se alia ao sentimento do local que se amplifica no âmbito nacional.

Por isso, o Romantismo se coadunou com as necessidades de nosso país no século XIX, pois foi em 1822 que o Brasil floresceu enquanto nação independente e estava em busca de uma identidade própria, que o separasse da ex-metrópole. Sabe-se que as artes e, principalmente, a literatura serviram como meio para formar essa identidade, fazendo com que os artistas que produziram sobretudo a partir da década de 1830 concebesssem suas criações como imbuídas de uma espécie de missão, que consistia em dotar a pátria de uma literatura genuinamente nossa (CANDIDO, 2006). Antes do Romantismo vicejar no Brasil, nossa literatura baseava-se nos modelos da Europa, ou seja, mesmo que se produzisse literatura no país, não havia uma preocupação estrita de representação dos assuntos e problemas locais. A literatura desse período foi considerada cópia da literatura europeia, estereótipo reforçado por nossos românticos, que se ocuparam largamente de temas indianistas, históricos e regionalistas, numa tentativa de “apalpar todo o país” (CANDIDO, 2006, p. 433). Tanto na prosa quanto na poesia, o índio figurou como tema central em muitas obras, pois se acreditava que ele era o verdadeiro símbolo do povo brasileiro, seja, num primeiro momento, para nos dotar de uma identidade distinta da do colonizador, seja, num segundo momento, para promover a unidade do país em torno de um mito de origem (CAMILO, 2007), como a *Iracema* (1865), de José de Alencar. Portanto, a literatura desse período era antes política do que estética, pois buscava despertar o sentimento de pertencimento em cada brasileiro, sobrepondo-se a fissuras da vida social (RICUPERO, 2004).

Ora, se o Romantismo no Brasil ficou caracterizado por buscar o que é essencialmente brasileiro, torna-se pertinente questionar acerca do lugar franqueado à literatura gótica e a seus desdobramentos, uma vez que ela poderia ser considerada inteiramente alheia à realidade brasileira do século XIX. A fim de melhor precisarmos nossa indagação, cumpre dizer que por literatura gótica compreendemos a vertente que teve seu início com a publicação da obra *Castelo de Otranto* (1764) pelo inglês Horace Walpole. O autor buscou romper com a estética clássica por meio de temas místicos e enredos povoados por fantasmas, mansões sombrias, profecias e mistérios, os quais eram negligenciados na época, sendo relegados à marginalidade literária. Walpole, na introdução de seu livro, afirma que pretendia criar uma literatura na qual os personagens eram acometidos por situações inexplicáveis, mas reagiam com verossimilhança, “seus atores parecem perder o sentido da realidade no momento em que as leis da natureza desviam-se de seu curso” (WALPOLE, 1994, p.14).

Tendo em vista os caminhos trilhados pelo projeto oficial da literatura brasileira no oitocentos, financiado, mais de uma vez, pelo próprio imperador D. Pedro II, por meio da publicação de obras, por exemplo, compreende-se que a literatura gótica tenha alcançado um

desenvolvimento menor na tradição literária brasileira. Imbuída do “sentimento de missão” do qual nos fala Antonio Candido (2006, p. 28), a crítica literária do século XIX acreditava que para uma obra ser boa ela precisava ter “uma relação necessária entre a literatura, a geografia e o espírito de uma nação” (FRANÇA, 2018, p.111). Essa interligação resulta num critério essencial: a cor-local. Pode-se acrescentar que nossa crítica sempre teve uma preferência por obras que têm caráter referencial em detrimento do ficcional, sendo este o campo em que o gótico atua. Por outro lado, Júlio França adverte que

as convenções e os ‘maneirismos’ da literatura gótica não são, portanto, fugas da realidade. Através de seus temas e figuras recorrentes, o Gótico tornou-se uma tradição artística que codificou, por meio de narrativas ficcionais, um modo de figurar os medos e expressar os interditos de uma sociedade. (FRANÇA, 2018, p. 117).

Por isso, o gótico é uma vertente literária que não se restringe ao século XVIII, nem ao XIX, momento no qual conheceu seu apogeu. Para França, pode-se reconhecer obras que dialogam com o gótico mesmo na contemporaneidade, desde que elas apresentem, em sua estrutura narrativa, “o locus horribilis; a presença fantasmagórica do passado; e a personagem monstruosa” (2018, p. 1098). Quando esses elementos se entrelaçam numa narrativa que procura causar o efeito do suspense e do horror, o gótico emerge, desmascarando comportamentos que uma dada sociedade quer camuflar. A ênfase nacionalista do oitocento brasileiro não o tornou imune a essa vertente literária, como podemos ver pelo aparecimento de obras que se aproximam dessa convenção, tais quais *Noite na Taverna e Macário*, de Álvares de Azevedo, ambas de 1855, ou *A Nebulosa* (1857), de Joaquim Manuel de Macedo. Mesmo obras eminentemente indianistas como *O Guarani* (1857), de José de Alencar trazem em seu enredo vestígios do gótico, caso da personagem Loredano. Se tais obras vieram a lume e obtiveram relativo êxito literário, quer-nos parecer que o gótico cumpria a contento o papel estipulado por Walpole e tinha a sua a razão de ser.

Considerando a existência do gótico no veio central do nosso Romantismo, esta pesquisa pretende averiguar a possibilidade de dispersão desse estilo na imprensa do Piauí no século XIX e primeiros decênios do século XX. Nesse sentido, trata-se de, em outras palavras, verificar a permeabilidade do Romantismo que se instaurou fora dos grandes centros a uma moda literária que poderia ser tida como alheia à literatura predominante na época. A eleição da imprensa como meio privilegiado para esta pesquisa se deve ao fato de ser esta a principal, se não a única maneira de divulgação cultural no estado, sendo que muitos dos autores piauienses da época tiveram suas obras publicadas parcialmente somente nas páginas periódicas, permanecendo inéditos (MAGALHÃES, 2002).

A imprensa teve seu surgimento no Piauí em 1832, 24 anos depois de ser implantada no Rio de Janeiro. Ela foi importante por favorecer a formação de uma sociedade intelectual e disseminar a produção literária no Piauí do século XIX, uma vez que, na época, este território não passava de uma remota província com uma educação formal quase inexistente. A princípio, a imprensa era voltada em grande parte à política, esclarecendo aos interessados as contendas entre partidos. Mas, ao passar do tempo e com as alterações no ambiente político da corte, com a instauração do Ministério da Conciliação (1853), acreditou-se que a imprensa poderia servir de incentivo à cultura literária, até então disponível apenas a um grupo restrito. A partir da publicação do *Recreio Literário* (1851), que representou um marco no periodismo cultural do estado (RÊGO, 2008), os jornais passaram a dar mais espaço a poemas e outros gêneros literários, em princípio, privilegiando autores estrangeiros ou consagrados no Brasil e, posteriormente, obras de autores locais.

A fim de subsidiar esta investigação, torna-se pertinente salientar que a imprensa piauiense de fins do século XIX e princípios do XX deu início a diversas campanhas e eventos que visavam a aumentar o interesse do público pela leitura, pois jornalistas e escritores dependiam de uma sociedade mais culta para prosperar. Muitos desses eventos eram em forma de conferências, nas quais se debatiam teses, posteriormente publicadas nos jornais. De acordo com Magalhães (1998), uma dessas conferências foi conduzida por Alcides Freitas, que se dedicou a debater Álvares de Azevedo. Já numa leitura preliminar do jornal *O Papyro* (1874), “periódico puramente literário”, cujos redatores são Lívio Druso e Domenico Zampiere, pudemos encontrar trechos em prosa e verso, que podem ser lidos como manifestação e/ou desdobramento de convenções góticas, tal qual “O céu do desgraçado: veleidades célicas” (n. 2, p. 4), de Druso e “Recordações e solilóquios” (n. 4, p. 1 e 2), assinado por Zampiere. No caso desses dois fragmentos em prosa, é possível ver o ambiente sombrio e o eu atormentado por um passado assustador. Partindo do pressuposto de que existia um público-leitor que se propunha a debater teorias sobre o maior expoente do Byronismo no Brasil, que eram posteriormente publicadas na imprensa e, no segundo caso, um jornal que se dedicava a publicar obras com traços góticos, constata-se uma possível demanda e aceitação por esse tipo de literatura no Piauí oitocentista, delineando a pertinência de se estudar mais a fundo quais eram essas obras, quais periódicos deram espaço a elas e qual recepção tiveram.

2 FICÇÃO GÓTICA NA IMPRENSA PIAUIENSE

Ao analisar os jornais piauienses do século XIX e início do XX disponíveis nos sites Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Projeto Memória do Jornalismo Piauiense, da UFPI, pôde-se verificar que os periódicos piauienses tiveram um foco maior em assuntos políticos e informativos acerca dos acontecimentos que envolviam o Brasil, como guerras e conflitos; relegando o espaço para publicações literárias a segundo plano, em certos casos, até mesmo não existindo tal espaço. Isso endossa o que disseram Rêgo (2018, p. 4) e Pinheiro (1997, p. 23) em suas obras.

Entre os periódicos com conteúdo literários, a saber: O Recreio Literário (1851), O Papyro (1874), A Ressureição (1877), O Argonauta (1877), O Arbusto (1878), A Floresta (1882), A Bala (1883), A Piauiense (1884), A Borboleta (1888), A Imprensa (1864 – 89), O Abolicionista (1884), O Liberal Piauiense (1846), O Echo Liberal (1849 – 52), A Opinião Conservadora (1874 – 76), O Piauihy (1869 – 73), O Arbusto (1878), A Tribuna (1888), Prometheu (1883), O Semanário (1881), A Legalidade (1892), O Progresso (1899), O Escholastico (1849 – 50), O Argos Piauiense (1851 – 52), O Conciliador Piauiense (1857), A Pátria (1870 – 72), A Época (1878 – 84), O Cosmopolita (1886), A Reforma (1887 – 88), A Phalange (1889), O estado do Piauihy (1890), A Legalidade (1892), O Patriota (1892), pode-se verificar que apresentam mais conteúdos literários em versos, como poemas e, principalmente, sonetos, aparecendo raramente alguma novela ou conto publicado.

A prosa aparece em alguns jornais, como nos periódicos O Piauihy (1890, v.72, p.1) no qual foi publicado o conto As Últimas Fadas, de autoria do romancista francês Paul Féval, e A Opinião Conservadora (1874-76, v.83, p.3), com o conto Os Homens e os Anos de Vida, de Alexandre Dumas. Como se pode constatar que os poemas eram bastante curtos, pode-se pensar que essa característica sugere que os periódicos se propunham a dar um espaço bastante limitado aos conteúdos literários, não permitindo que romances ou até mesmo novelas circulassem muito pelos jornais. À vista disso, podemos perceber que, mesmo com o espaço limitado, a população piauiense consumia literatura e obras que estavam em popularidade na Europa, como ficou demonstrado com a publicação dos contos de Alexandre Dumas e Paul Féval.

Além disso, foram encontrados nos periódicos diversos poemas de autoria desconhecidas publicados com o intuito de expressar a dor da perda de um ente querido ou a melancolia do término de um relacionamento, temas esses que são centrais no romantismo da segunda geração, como, por exemplo, n'O Expectador (1860–62), no qual foi publicado um poema intitulado “Nênia”, com versos tais, a saber: “por que choras? As lágrimas estancam; / Desse eterno dormir o acorda o pranto? / Quando o anjo da morte, / Ergue a pesada lousa do

sepulcro, / Nessa última morada, / Onde Varão sem remorsos dorme, / Enregelado ache corpo sem vida, / Na estrada da existência.” (1862, v.150, p.4). E o poema intitulado “He a desgraça” n’O Piahy (1869 – 73) com versos tais: “Choro e, renego, do sofrer maldito, / Vomito o fel que bebi na taça / Detesto a vida - abraçado hoje / A cruel desgraça!!!” (1870, n.126, p. 4). Ambos os poemas, que não apresentam autoria, com um tom demasiadamente sentimental e melancólico, exemplificando no “Nênia” o medo e no “He a Desgraça”, o anseio pela morte.

Além desses, foram encontrados poemas com citações a autores populares da literatura brasileira como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Castro Alves. Como no periódico O Expectador (1860–62), no qual foi publicado um trecho do poema “Anjinho”, de Álvares de Azevedo (1861, v.92, p.4) e n’O Semanário (1881-84), no qual foi publicado trechos dos seguintes versos de Castro Alves “E vós arcas do futuro / Crisálidas do porvir, / Quando vosso braço ousado / Legislações construir / Levantai um templo novo” (1884, v.351, p. 2). Sendo possível encontrar até um espaço para autores regionais como Licurgo de Paiva, grande expoente do gótico no Nordeste, nos periódicos, por exemplo, O Semanário (1881-84) e n’A Imprensa: periódico político (1865-89) com os respectivos poemas “Saudades Infundas” (1884, v.348, p. 3) e “INTIMA” (1881, v.686, p. 4). Esse espaço para um autor regional em que sua obra é marcada pela melancolia e pelo pessimismo pode sugerir uma tentativa de publicações voltadas para assuntos que não eram estritamente políticos.

Por fim, foram encontrados além dos autores citados precedentemente, autores que difundiram a literatura gótica pela Europa. Por isso, pensamos que é até em certo sentido possível encontrar um público seletivo que lia e estava familiarizado com o Romance Gótico. Dessa forma, é necessário retomar o que entendemos por Gótico e Fantástico na literatura. Sendo aquele um modo de expressar os medos de uma sociedade através de uma narrativa ficcional. Seus principais traços são, segundo França (2017, p. 2492), “a exploração de categorias estéticas negativas, como o sublime terrível da tradição burkeana, o grotesco, o trágico, o melodramático, o art-horror etc.” Um dos seus temas principais é o anseio e medo da morte, situação na qual a narrativa gótica oscila entre uma realidade verificável e uma sobrenatural. Portanto, percebemos que o Fantástico, na literatura, como afirma Todorov, uma narrativa que

implica em uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados. [...] A percepção desse leitor implícito está inscrita no texto com a mesma precisão com que o estão os movimentos das personagens. [...] A hesitação do leitor implícito está inscrita no texto com a mesma precisão com que o estão os movimentos das personagens. (TODOROV, 2010, p. 37).

É uma característica fundamental quando se pensa em narrativas góticas.

Diante disso, os exemplos de literatura gótica que podem ser encontrados na imprensa piauiense mais relevantes estão nos periódicos *O Piauí* (1869-73), jornal político publicado em Teresina, no qual foi encontrado na edição 72, do ano de 1869, um folhetim do romancista e dramaturgo francês Paul Féval (1816 – 1887) intitulado *As Últimas Fadas*. Trate-se de um folhetim no qual é narrado as vilanias do personagem Guy de Plelan, em um contexto de guerra entre os católicos e protestantes no século XVI. O protagonista usurpa um castelo dos rivais e busca, através da força, casar-se com a princesa de M. de Malestroit, filha de seu rival. Chama-se logo a atenção para a familiaridade com o primeiro romance gótico *O Castelo de Otranto* (1764) do inglês Horace Walpole, no qual é narrado as vilanias de Manfredo em um castelo gótico na Idade Média, buscando oprimir através da força a jovem Isabela forçando-a a casar-se com ele, e, entre diversas peripécias, vão surgindo situações sobrenaturais na trama. Tudo isso o folhetim de Paul Féval compartilha com o romance de Walpole, no qual a característica sobrenatural pode ser encontrada na passagem seguinte:

E voltando a mesa encheu-o até derramar: mas, no momento em que levava o canjirão aos lábios, o seu olhar caiu casualmente sobre uma parte da tapeçaria, na qual estava bordada uma cena estranha: Madame Ermengarda - não havia dúvida que era realmente ela – conservava-se de pé por trás de uma barca, que parecia arrastada pela corrente. Ela sorria e chamava com a mão uma outra barca, guarnecida por homens armados; e adiante do seu esquife, tão perto que a espuma d’ele já lhe alvejava a proa, redemoinhava um abismo. Plelan entrou a tremer, e mais do que a primeira vez, porque parecia-lhe que o olhar da condessa correspondia ao seu; figurou-se-lhe tão bem que a ele e que se dirigia o seu gesto, e que ela queria arrastá-lo ao abismo, vasto e insuperável túmulo. (FEVAL, *O PIAUÍ*, v. 72, 1869, p.2).

É possível encontrar a presença de ficções históricas também no periódico *A Imprensa*: periódico político (1865 – 89), no qual foi publicado, na edição 898 do ano 1886, um conto intitulado “Uma visita ao cemitério dos Cartuchos” de autoria desconhecida, no qual podemos ver uma narrativa semelhante a *d’Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), do escritor alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749 – 1832), na qual o protagonista narra a história de como apaixonou-se por uma mulher já comprometida. Na narrativa, apesar de não mostrar a data na qual a história ocorre, fica subentendido ser na Idade Média por conta dos castelos e cemitérios com arquiteturas góticas. Além deste, é possível encontrar na edição 13 do periódico *O Escholastico* (1849 – 1850) um folhetim intitulado “FIAMA” do escritor britânico Emile Souvestre (1806 – 1854), no qual é narrada a história de uma protagonista oprimida por um casamento infeliz e abusivo. Apesar de ambas obras apresentarem temas que dialogam com o gótico tais como a presença fantasmagórica do passado, uma personagem feminina em ambiente e situação opressivas, características tais que também podem aparecer em outros gêneros literários, não foi possível identificar a oscilação do real com o sobrenatural e nem

técnicas narrativas de suspense e que visam causar o medo que são características fundamentais da tradição Gótica, como afirma França (2017, p. 2493).

Além desses, foi possível encontrar nos periódicos *A Opinião Conservadora* (1874 – 76), no qual foi publicado um conto do escritor alemão E. T. A. Hoffman (1776 – 1822) intitulado “Treva na Luz”, no qual se pode perceber características do maravilhoso tais como, segundo Todorov, “Os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito. Não é uma atitude para com os acontecimentos narrados [...], mas a própria natureza desses acontecimentos.” (2010, p. 60), ou seja, o maravilhoso se caracteriza por uma falta de explicação e naturalidade dos acontecimentos sobrenaturais; podendo ser encontrados no conto de Hoffmann na seguinte passagem:

E a treva chegou: a desgraça veio. Um abutre negro, tão negro como a noite, esvoaçou sobre ela. Estendeu as azas e obumbrou todo o espaço. E as suas azas eram largas, extensas, grossas, horrendas. E a luz da imprensa vacilou, prestes quase a se apagar. Quem és tu? Perguntou ela horrorizada: quem és tu que assim vens apagar a minha luz, vens ofuscar o meu brilho vivificante e querido? E o abutre negro respondeu, se espanejando e sacudindo a noite das azas negras e largas: -Eu sou a difamação! (HOFFMANN, *A OPINIÃO CONSERVADORA*, v. 86, 1875, p. 2-3).

Como se vê, são dois seres não humanos, a personificação da imprensa e um abutre que, posteriormente, torna-se a personificação da difamação, que travou um diálogo com traços fantásticos e alegóricos.

Fica explícito no conto de Hoffman metáforas visando a criticar a imprensa e seu papel político. Foi possível encontrar características fantásticas utilizadas com cunho político explícito em outros poemas. Como, por exemplo, nos periódicos *A Epoca: Orgão Conservador* (1878 – 1884), no qual foi publicado um poema de autoria desconhecida intitulado “Vampiros”, e *A Reforma* (1887 - 88), com o poema de João Baptista da Costa intitulado “Um monstro”. Podendo ser percebida as características supracitadas nas passagens, respectivamente, dos poemas: “Fedendo a chifre queimado, / Enxofre, veneno e fel, / Das profundezas do averno / surge o velho coronel.” (1878, v. 8, p. 4) e “Monstro bárbaro e selvagem, / No universo não há igual, / De coração é perverso, / de cristão não tem igual.” (1887, v. 35, p. 2).

Além desses, foi possível encontrar epígrafes do inglês Lord Byron, grande expoente do gótico, nos periódicos *A Imprensa: periódico político* (1865-89) onde foi encontrado a citação à Lord Byron: “E’ uma grande pena que este não seja poeta, tente cantá-la em seus versos como Byron” (1886, v.910, p.3) e no periódico *Echo Liberal* (1849-52) no qual foi publicado versos do autor em francês (1851, v.77, p.3).

Portanto, mesmo com as obras góticas citadas precedentemente, pode-se perceber que dentre o espaço já limitado e diminuto dedicado à literatura na imprensa piauiense oitocentista,

a literatura gótica teve raras oportunidades para aflorar. Dentre todas, apenas o folhetim de Féval teve maior espaço de circulação na imprensa, parando de ser publicado depois de dois volumes, como os demais exemplos. É evidente a preferência do público-leitor piauiense por uma literatura mais regionalista em detrimento ao fantástico, consequência, talvez, de diversas transformações políticas acontecendo na época, sendo a literatura regionalista a que mais exemplifique estas mudanças na literatura. Esta preferência pode ser percebida com a publicação da crítica sobre o autor regionalista piauiense F. G. Castello Branco do escritor Franklin Távora, publicada n' A Reforma (1887-88), onde este diz

O aspecto local foi transportado para o livro com fidelidade. Caracteres verdadeiros. Cenas tão naturais que parecem autênticas. Muita vibração de sentimento. [...] Como fica bem na narrativa do sr. Castello Branco [...] A vida doméstica está perfeitamente desenhada nas páginas do livro. (TÁVORA, A REFORMA, 1888, v.52, p. 2).

Mesmo com esse desmerecimento no final do século XIX para uma literatura fantástica, ou seja, gótica, periódicos do início do século XX puderam nos revelar uma mudança de perspectiva, na qual o gótico começa a ganhar mais espaço, como nos mostra os periódicos Nortista: Publicação Semanal (1901 - 02), publicando um conto intitulado “O fantasma da Vingança” (1901, v. 50, p. 2), conto este com tom bastante sobrenatural, e a revista Litericultura (1912), com a publicação de uma análise das obras de Álvares de Azevedo, exaltando a sua obra mais fantástica, Noite na Taverna, na seguinte passagem: “Escrever, aos 19 anos, os contos fantásticos da A noite na taverna, meus senhores, é prometer, para o futuro, ser maior do que Homero e sonhar ter na frente uma coroa de louros de luz com hastes de raios de sol!” (FREITAS, LITERICULTURA, 1912, p. 93).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o público-leitor vigente no Piauí do século XIX era familiarizado, de certa forma, com o gótico, como ficou entendido pelas tentativas de lograr a tradição gótica e fantástica nos periódicos e, ademais, com as referências a Lord Byron que, mesmo em alguns casos sendo de tom pejorativo, mostrou-se uma familiarização com os autores góticos europeus. Entretanto, o espaço dedicado à literatura na imprensa piauiense oitocentista era parco, focando-se em conteúdos políticos em detrimento da literatura, e quando esta buscava aflorar era sempre em forma de poemas em consequência de seu tamanho diminuto, aparecendo raramente contos, folhetim e novelas. Dessa forma, quando a literatura floresceu no século XIX, mesmo de forma limitada, estava voltada para o regionalismo, consequência, talvez, por esta estar estritamente ligada aos assuntos político-sociais que estavam em vigência na época como, por exemplo, a

Guerra do Paraguai (1864), a abolição da escravidão (1888), proclamação da república (1889) e, mais estritamente com o Piauí, a mudança de capital para Teresina (1852), buscando consequentemente na literatura a retratação da realidade e/ou criação de uma nacionalidade, típicos de tempos em oscilação, seguindo a tradição literária vigente no Brasil da época.

Assim sendo, tornando o regionalismo a principal tendência da literatura piauiense da época, pois esta além de retratar a imagem local, através do rio, o vaqueiro, o sertão e a flora, servia, ademais, para divulgar os autores regionais. Outrossim, torna a estética da literatura gótica incompatível com a principal tendência que afluía na literatura piauiense oitocentista. Pois mesmo que o gótico tenha surgido e se consolidado como uma forma de retratar os medos mais íntimos dos seres humanos e em um contexto social bastante atribulado, consequência da Revolução Francesa (1789), não apresentava as cores e imagens locais, consequentemente, causando sua rejeição na imprensa piauiense e, também, ao público-leitor do século XIX. Diante disso, fazendo com que suas poucas tentativas de lograr fossem infrutíferas e depreciadas pelo leitor, como no caso do folhetim *As Últimas Fadas*, de Féval. Mas, em contrapartida, permitindo que o fantástico surja como um mecanismo para criticar diretamente assuntos políticos, como fica explícito no conto “*Treva na Luz*”, de Hoffman.

Entretanto, com o início do século XX, uma nova perspectiva surge causando uma reviravolta de paradigmas em consequência do refreio ao senso de nacionalismo presente na literatura e no Brasil, e, ademais, com a estabilização do Piauí, permitindo o surgimento de novos periódicos, fez com que a literatura fantástica, incluindo o gótico, ganhassem mais viabilidade e atenção na imprensa piauiense, como fica claro nos periódicos *Nortista: Publicação Semanal* (1901 - 02) e *Litericultura* (1912), sendo publicadas obras com cunho fantástico e exaltando autores como, por exemplo, Álvares de Azevedo, justamente por sua influência de Lord Byron. Dessa forma, mostrando uma perspectiva maior para a Literatura Gótica na imprensa piauiense.

Portanto, o gótico teve sua presença nos periódicos oitocentista piauiense, mas, por conta de sua estética fantástica e em consequência do projeto político nacionalista político vigente na época, sua recepção e passagem nos periódicos foram bastante escassa, sendo, dessa forma, vestígios, nas margens, buscando afluír no meio do nacionalismo literário do século XIX. Com o fim deste nacionalismo, no século XX, a literatura fantástica teve uma recepção calorosa e uma crítica mais aberta a assuntos que não estão estreitamente ligados com a política.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- _____. **O Romantismo no Brasil**. 2ª ed. Associação Editorial Humanitas, 2004.
- RÊGO, Ana Regina Leal. Imprensa piauiense: entre a literatura e a política. In: **Congresso Nacional de História da Mídia**. n. VI, 2008, Niterói, UF. Anais [...]. Niterói, UFF, p. 1-16, 2008.
- RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830 – 1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PINHEIRO, Celso Pinheiro Filho. **História da imprensa no Piauí**. 3ª ed., Teresina: Zodíaco Editora, 1997.
- HOFFMANN, E.T.A. Treva na luz. A Opinião Conservadora. Teresina, 28 out. 1875, v.86, p. 2-3.
- WALPOLE, Horace. **O castelo de Otranto**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GUINSBURG, Jacó & ROSENFELD, Anatol. Classicismo e Romantismo. In: **O romantismo**. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FRANÇA, Júlio. O sequestro do gótico no Brasil. In **As Nuances do Gótico: do Setecentos à atualidade**. Júlio França e Luciana Colucci (org.). Rio de Janeiro: Bonecker, 2017.
- _____. O gótico e a presença fantasmagórica do passado. In: Abralic. Disponível em: <www.abralic.org/anais/arquivos/2016_1491403232.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. A educação dos leitores e a formação do sistema literário piauiense. *Scientia et Spes: revista do Instituto Camilo Filho*. Teresina, ano 1, n. 1, p. 113-132, 2002.
- CARPEAUX, Otto Maria. O Pré-romantismo. In **História da Literatura ocidental**. 3ª ed. Brasília: Edições do Senado Federal, 2008.
- FÉVAL, Paul. As últimas fadas. *O Piauí*. Teresina, 10 abri. 1369, v. 72.
- TODOROV, Tzvetan Todorov. **Introdução à literatura fantástica**. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CAMILO, Vagner. Mito e história em Iracema: a recepção crítica mais recente. *Novos Estudos*, n. 78, pp. 169-189, junho/2007.
- FERREIRA, Vinícius Ribeiro Cordão & RÊGO, Ana Regina Barros Leal. Do jornalismo político a visibilidade literária: o panorama da imprensa piauiense no século XIX. *Temática*, Ano X, n. 09, pp. 122-139, setembro/2014.